



Carta pastoral

A luz brilha nas trevas

Dom Charles MOREROD OP

*15 de março de 2026
4.º Domingo da Quaresma, Ano A*

O texto é para ler como uma homilia nas celebrações de 14 e 15 de março de 2026.

Este domingo chama-se “Domingo Laetare”: o seu nome significa “Alegrai-vos”. É como uma luz de alegria no meio da Quaresma, este tempo de penitência que prepara para a alegria da Páscoa.

É evidente falar de alegria neste momento? A atmosfera geral é sombria. Existem motivos de preocupação como não se viam há décadas. O nosso país continua marcado pela catástrofe de Crans, no Ano Novo, e pelos sofrimentos que dela ainda decorrerão durante muito tempo. Será indecente falar de alegria? Não deveríamos pelo menos guardar silêncio?

Talvez já se tenha esquecido, mas o Papa Francisco começou o seu pontificado publicando, em 2013, o documento *Evangelii Gaudium*, *A Alegria do Evangelho*. O título é quase pleonástico, pois “Evangelho” significa “Boa Nova”. O Papa Francisco observava que o cristão não precisa ter um rosto de Quaresma, mas também não uma pseudo-beatitude enganosa: “Há cristãos que parecem ter um ar de Quaresma sem Páscoa. Contudo, reconheço que a alegria não se vive da mesma maneira em todas as etapas e em todas as circunstâncias da vida, por vezes muito duras. Ela adapta-se e transforma-se, e permanece sempre ao menos como um raio de luz

que nasce da certeza pessoal de ser infinitamente amado, para além de tudo."¹

Podemos estar alegres por causa da ação de Deus, que vem ao nosso encontro para que possamos estar com Ele. Jesus Cristo não se limita a falar de amor e de presença: Ele mostra-os até à cruz. Ele está connosco, mas não simplesmente para morrer. O horizonte da cruz é a Páscoa. O horizonte da morte é a vida. Este domingo de alegria em plena Quaresma recorda-nos isso. A nossa confiança vem do amor de Deus.

Levamos a sério este amor de Deus? Vemos que algumas pessoas se apoiam nele nos momentos de grande aflição ou quando vêm aproximar a sua própria morte. Isso é bom, mas podemos fazê-lo ao longo de toda a nossa vida, se levarmos Deus a sério.

Mas justamente, levamos Deus a sério? Por exemplo, lembramo-nos de que Jesus ligou a alegria à imitação daquilo que Ele faz? Ele amou-nos. Para que a nossa alegria seja perfeita, é necessário amar o próximo (cf. *João* 15,10-12). Levar Jesus a sério implica não nos colocarmos no centro, mas

¹ Papa Francisco, Exortação Apostólica [Evangelii Gaudium](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html) (24 de Novembro 2013), § 6, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html

orientarmo-nos para Deus, para o nosso próximo, para o resto do mundo e para o seu futuro.

Não nos colocarmos no centro faz regressar à pergunta que acabo de colocar. Levamos Deus a sério ou somos nós a medida do nosso próprio horizonte? Esta questão está diretamente ligada à da esperança, da alegria e do que pode ser a Igreja. Se olharmos para nós mesmos e para a sociedade e aí procurarmos motivos de alegria e de esperança, iremos confrontar-nos com os limites das nossas possibilidades.

Antes de Cristo, o filósofo Aristóteles já tinha identificado em todo o ser humano o desejo de uma felicidade sem limites, procurada ao longo da vida. Ele via a grandeza e também o limite dessa condição humana: "Uma vida deste género será demasiado elevada para a condição humana: pois não é enquanto homem que se viverá assim, mas enquanto algo de divino (...) presente em nós. (...) Não se deve, portanto, ouvir aqueles que aconselham o homem, porque é homem, a limitar o seu pensamento às coisas humanas e, porque é mortal, às coisas mortais; mas o homem deve, na medida do

possível, tornar-se imortal e fazer tudo para viver segundo a parte mais nobre que existe nele.”²

Deus conhece-nos: Ele criou-nos com esse desejo infinito, esse desejo d'Ele. Alcançá-lo ultrapassa as nossas capacidades, mas não as de Deus. Esta é a Boa Nova da Páscoa.

Volto, então, à minha pergunta. Levamos Deus a sério ou somos nós a medida do nosso próprio horizonte? Vemos a vida, o presente e o futuro da Igreja à luz das nossas capacidades e das nossas previsões estatísticas? Estou bem colocado para ver os sinais de vida e de renovação na Igreja, sinais da ação de Deus. Colocamos a nossa esperança em Deus, cuja presença torna possível a nossa alegria: “nada é impossível a Deus” (*Lucas* 1,37).

Vosso Bispo
✠ Charles MOREROD

² Cf. Aristóteles, *Ética a Nicômaco* 1177a–1178b, tradução de Tricot:
« Uma vida deste género será demasiado elevada para a condição humana: pois não é enquanto homem que se viverá assim, mas enquanto algo de divino (...) presente em nós. (...) Não se deve, portanto, ouvir aqueles que aconselham o homem, porque é homem, a limitar o seu pensamento às coisas humanas e, porque é mortal, às coisas mortais; mas o homem deve, na medida do possível, tornar-se imortal e fazer tudo para viver segundo a parte mais nobre que existe nele. »

A carta pastoral pode ser descarregada a partir do 16 de março de 2026 no nosso [site internet](#) (secção « A notre propos », sub-rubrica « Évêques », « Mgr Charles Morerod ») :
<https://diocese-lgf.ch/nos-eveques/mgr-charles-morerod/lettres-pastorales>



Diocese de Lausana, Genebra e Friburgo

rue de Lausanne 86, case postale 240, CH-1701 Fribourg | +41 26 347 48 50
chancellerie@diocese-lgf.ch | www.diocese-lgf.ch